

FERNANDO PESSOA E A LÍNGUA DE BABEL

"Deus fala todas as línguas."

(Fernando PESSOA)

Um dos mitos de que o texto pessoano está impregnado, sem que, no entanto, como por vezes nele metatextualmente acontece, seja de todo em todo exotericamente visível - até pelas suas incidências esotéricas -, é o mito de Babel. Mito essencial e fundador, num poeta que se multiplicou em línguas e em linguagens, mas em que a obsessão de uma língua ou de uma "característica universal", como queria Leibniz, nutriu a sua tentativa incessante de a corporizar numa só língua, que mais do que a "portuguesa língua" de António Ferreira seria a língua imperial de Vieira, essa "clara língua majestosa" cuja "fria perfeição de engenharia syntactica" fez chorar uma noite Bernardo Soares, o mesmo que haveria de a proclamar sua "pátria" (1).

Ora é precisamente sob a pena de Soares, o "ajudante de guarda-livros" que da escrita do Livro do Desassossego foi o autor, ou semi-autor, e em todo o caso o guardador discreto, que vamos encontrar um dos raros fragmentos em que a problemática de Babel se dá a ler (a entreler). Nesse fragmento se retoma a questão das questões da busca pessoana da língua universal, que através das línguas particulares que pratica, heteronimicamente, ele prosseguirá sem fim.

"No fundo - observa Bernardo Soares - há na nossa experiência da terra duas coisas só - o universal e o particular" (2). Partindo deste paradigma, ele acaba por pôr em evidência (ou por ocultar melhor ?) o cerne do mito : a oposição, para usar os seus próprios termos, de uma "linguagem primitiva e divina", um "idioma adâmico", para "descrever as cousas do universal", e de uma "linguagem estilhada e babélica", para descrever as "coisas" particulares (3).

Compare-se com o Génesis (versículos 1 a 9 do capítulo XI) : de um lado, a língua originária, pré-babélica, língua sagrada, língua única, composta das

mesmas palavras ; do outro, a linguagem de Babel, linguagem dividida, da confusão e da dispersão dos homens, de que decorreu a pluralidade das línguas. Mas as diversas versões desses versículos são controversas, como o mostrou por exemplo Henri Meshonnic (4). É que, como ele muito bem diz, "a passagem do Génesis sobre a torre de Babel é a cena primitiva da teoria da linguagem". E, do mesmo passo, acrescenta, "da tradução", nascida como foi da diversidade das línguas (5).

Mas que língua "única" (ou "uma" ou "une") é essa, assim evocada no Génesis, como um eco ao seu começo dos começos ? Uma língua por excelência religiosa, como o hebreu, no qual, segundo a tradição, "não existe uma só palavra, acima da sílaba, que não seja um composto derivado de uma raiz primitiva", na expressão de um gramático esotérico como Fabre d'Olivet (6) ? Ou uma língua puramente mítica, cuja "unicidade" não seria senão "um ausência de qualquer língua", como aventa Claude Hagège, que ao mito de Babel consagrou um minucioso estudo (7) ? Seja como for, a interpretação, a hermenêutica do mito varia : enquanto uns vêem nas línguas babélicas a figura da Queda, da condenação divina dos homens à divisão e à confusão, para outros elas seriam a condição do cumprimento de uma "vocação universalista", que levou Deus a dispersar pelo mundo o seu povo⁽⁸⁾. "Teologia de Babel", "teologia dos tradutores", comenta com razão Henri Meshonnic (9).

Pessoa, que poliglota e tradutor foi, além de logoteta, fundador de línguas heteronímicas, move-se, cremos nós, no espaço de ambiguidade, de contradição, de paradoxo dessa dupla interpretação do mito de Babel. É dessa duplicidade que o fragmento de Bernardo Soares testemunha.

Na verdade, o semi-heterônimo de Pessoa deixa pairar uma indeterminação entre a "linguagem primitiva e divina", o "idioma adâmico que todos entendem", com que descreve "qualquer coisa universal", e que fala "com a alma", e a "linguagem estilhaçada e babélica", com que descreve "coisas" ou referentes particulares, e que a contrario falaria (pressupõe-se) com o corpo (10). Assim, ao exemplificar a diferença que vai dessa "qualquer coisa" a estas outras "coisas" - e repare-se como até nos significantes ela se manifesta, linguisticamente -, através de uma enumeração já de si babélica, que faria as delícias de um Borges, Soares nada mais faz afinal do que acentuar a indefinição entre o universal e o particular, que tendem para uma coincidentia appositorum.

Dois exemplos apenas, por mais frisantes. O primeiro é, curiosamente, em termos denotativos, o do "Elevador de Santa Justa", que se volve, ao passar do particular ao universal, um sucedâneo emblemático, à escala lisboeta, da própria Torre de Babel. "O que no Elevador de Santa Justa é o universal - escreve Bernardo Soares - é a mecânica facilitando o mundo" (11). Mas, nesse caso, estaríamos então perante a identificação entre uma linguagem humana - a linguagem científica - e a linguagem divina, adâmica mas também babélica, tal a Torre, construída pelos homens como por eles foi inventada a mecânica.

O segundo exemplo é dado metalinguisticamente, ao definir Bernardo Soares "o português que se pronuncia em Traz os Montes" como o paradigma universal do particularismo linguístico, que de "linguagem estilhaçada e babélica" se torna "idioma adâmico que todos entendem" : "o que nas pronúncias locais é universal - explica o autor do Livro do Desassossego - é o timbre caseiro das vozes de gente que vive espontânea, a diversidade dos seres junctos, a sucessão multicolor das maneiras, as diferenças dos povos, e a vasta variedade das nações" (12). Dir-se-ia uma glosa dos versículos do Génesis, na qual se glorifica a dispersão universal das línguas, até à sua dispersão em variantes dialectais ou outras, numa proliferação ad infinitum.

Desse modo o mito de Babel guarda, em Pessoa, a sua ambiguidade hermenêutica. Condenação ou redenção divina ? Que importa ? Não são "os deuses, finitos e infinitos" citados também como exemplo de universalidade, no fragmento de Bernardo Soares ? E não argumenta o ortónimo, alhures, que "Deus fala todas as línguas" e não apenas uma (13) ?

Sabe-se como o Poeta levou a sua empresa babélica às últimas consequências, imitando Deus, como ele dizia. Quer repartindo-se - melhor se diria, desgarrando-se - entre o Português e o Inglês, ou ainda o Francês, quer fazendo da língua pátria (ou mátria) uma língua plural, para que profetizava, com o Quinto Império, uma universalidade ecuménica.

Essa universalidade seria assumida através de um "imperialismo de gramáticos" e de um "imperialismo de poetas", que relegariam para longe o "antigo imperialismo ridículo", seja o dos "generais" seja o dos "políticos" (14). É que só as

gramáticas poéticas, na sua pluralidade logotética, realizariam a babélica utopia a que Pessoa, "criador de mitos", meteu ombros. Assim têm de ser consideradas as linguagens heteronímicas, línguas, sim, mas a vir, ou, como escrevia Bernardo Soares, "antes da norma e do sistema" (15).

Por isso, para o autor do Livro do Desassossego, a gramática era "não uma lei" mas "um instrumento" (16). E ele exemplificava com o que chamou uma violação da "mais elementar das regras da gramática, que manda que haja concordância de general, como de número, entre a voz substantiva e a adjectiva" (17). Delicemos-nos :

"Supponhamos que vejo deante de nós uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá d'ella, "Aquella rapariga parece um rapaz". Um outro ente humano vulgar, já mais proximo da consciencia de que fallar é dizer, dirá d'ella, "Aquella rapariga é um rapaz". Outro ainda, consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do affecto pela concisão, que é a luxuria do pensamento, dirá della, "Aquelle rapaz". Eu direi, "Aquella rapaz" (...). E terei dito bem ; terei falhado em absoluto, photographicamente, fora da chateza, da norma, e da quotidianidade. Não terei falhado : terei dicto" (18).

Atente-se nos pormenores da ortografia, ora simplificada ora latinizante ou helenizante : é que, para Bernardo Soares, "a orthographia também é gente" e "a palavra é completa vista e ouvida", comprazendo-se pois na "gala da translitteração greco-romana", que tem a ver com a busca de uma motivação grafemática, de raiz cratílina, em que possa "ler" a "grande certeza symphonica" que Vieira nele imprimiu (19).

Vejamos agora estoutro passo do Livro de Desassossego, em que, já não quanto ao género mas quanto ao número, justifica idêntica falta de concordância entre o substantivo e o adjectivo :

"... Pensei que seria útil pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das "Errata" umas "Não-Errata", e dizer : a phrase "a este incerto movimentos", na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjectivas no singular e o substantivo no plural" (20).

Repare-se na subtilidade do exemplo e do comentário, da linguagem-objecto e da metalinguagem, que se tornam reversíveis : o singular e o plural entrelaçam-se, como o masculino e o feminino, enquanto "vozes" ambíguas, de que cada "phrase"

é também ambigualmente a expressão. A enunciação poética gera, ao mesmo tempo que os enunciados, os seus sujeitos, numa gramática outra, que se diria estrangeira sendo ainda a mesma, mas estranha. Por isso Bernardo Soares se interroga, com desassossego : "Mas a que assisto quando me leio como a um extranjo ?" (21) Tal qual : "extranjo", por confusão babélica, em que o português e o francês, este invocado expressamente no texto, se enxertam. E não há aí também ecos do inglês, numa colagem múltipla, como as que Joyce pratica no Finnegan's Wake ?

Se na prosa de Soares esses enxertos pegam amiúde, ele imaginou ainda cruzamentos poéticos e linguísticos mais "extranjos" : "A sensibilidade de Malharmé (sic) dentro do estilo de Vieira ; sonhar com Verlaine no corpo de Horácio ; ser Homero ao luar" (22). Poetas e escritores modernos e clássicos, línguas vivas e mortas, a fecundarem-se mutuamente, numa "Babel feliz", como diria Roland Barthes ... E não é esse intertexto babélico que passa e repassa nas linguagens dos heterónimos, semi-heterónimos e ortónimos (no plural, insista-se) de Pessoa ?

A diversidade dialógica dos discursos que se cruzam no heterotexto pessoano tem, como se sabe, uma dimensão esotérica, que se inscreve no rosicrucianismo e no cristianismo gnóstico do Poeta. Como escreve Luc Benoist, "o termo de Rosa-Cruz designa um estado espiritual que comporta um conhecimento de ordem cosmológica em relação com o hermetismo cristão, de que uma das "características mais reveladoras" consistia no "dom das línguas", isto é, na "arte que tinham de falar a cada um a sua própria linguagem", tomando mesmo "um nome novo" (23). Exemplo disso foi o alquimista Valentin Andrea, autor da revelação da lenda de Christian Rosencreutz, a que se refere expressamente Pessoa no seu "Ensaio Sobre a Iniciação" (24), que há que pôr em relação com os seus poemas esotéricos.

Eis a via iniciática que nos permite acercar a interpretação pessoana do mito de Babel. Se "Deus fala todas as línguas" -expressão que seria cara aos Rosa-Cruz - e o Quinto Império é um "império universal" de "gramáticos" e de "poetas", a versão portuguesa deste remonta de Pessoa a Vieira, "imperador da língua" que era, e de Vieira a Bandarra, profeta babélico por excelência, como se lê no primeiro dos três "Avisos" da Mensagem :

"Sonhava, anonymo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo" (25).

A dispersão, a confusão divina das línguas - e não a sua unidade -, tal foi a demanda logotética e poética de Pessoa, ao inverter, fiel tradutor afinal do texto do Génesis, heterotextualmente, o mito de Babel.

José Augusto SEABRA

N O T E S

- (1) Livro do Desassossego por Bernardo Soares, Lisboa, 1982, vol. I, pp. 16 et 17.
- (2) Idem, ibidem.
- (3) Idem, ibidem.
- (4) "L'Atelier de Babel", in Les Tours de Babel, Mauvezin, 1985, p.17 e segs.
- (5) Idem, ibidem.
- (6) Cit. por Claude Hagège, in L'Homme de Paroles, Paris, 1985, p. 112.
- (7) "Babel, du temps mythique au temps du langage", in Revue Philosophique n° 4, Paris, 1978, p. 470.
- (8) Cf. interpretação de Claude Hagège (op. cit., p. 469) a partir da trad. do versículo 4 por André Neber, De L'Hébreu au Français, Paris, 1963.
- (9) Op. cit., p. 28.
- (10) Livro do Desassossego, vol. II, p. 137.
- (11) Idem, ibidem.
- (12) Idem, ibidem.
- (13) Sobre Portugal, Lisboa, 1979, p. 179.
- (14) Idem, ibidem.
- (15) Livro do Desassossego, vol. I, p. 21.
- (16) Idem, ibidem.
- (17) Idem, p. 22.
- (18) Idem, ibidem.
- (19) Idem, p. 17.
- (20) Idem, vol. II, p. 178.
- (21) Idem, vol. I, p. 26.
- (22) Idem, p. 32.
- (23) L'Esotérisme, Paris, 1980, p. 104.
- (24) Cf. Yvette Centeno, Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética, Lisboa, 1985, p. 63. Com pertinência lembra Yvette Centeno, no Introdução a este livro, constituído por textos herméticos de Pessoa, que Valentin Andrea falava de "escrituras mágicas" conducentes à "elaboração de uma língua nova" p. 11).
- (25) Obra Poética, Rio de Janeiro, 1972, p. 86.